

Tempos idos Tempos vividos

Crônicas do Cel. Octayde Jorge da Silva

Fernando Tadeu de Miranda Borges
Organizador

Produção Editorial

Editora Maria Teresa Carrión Carracedo
Coordenação Ricardo Miguel Carrión Carracedo
Diagramação e Capa Maike Vanni
Imagem da Capa Antigo Jardim Alencastro (1982)
Óleo sobre tela de Marcelo Velasco
Pinturas de Cuiabá Marcelo Velasco
Acervo: Cel. Octayde Jorge da Silva
Reprodução fotográfica: Ricardo Carracedo | C&C
Produção fotográfica: Angela Carrión Carracedo | C&C
Revisão Henriette Marcey Zanini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tempos idos : tempos vividos : crônicas do Cel.
Octayde Jorge da Silva / Fernando Tadeu de
Miranda Borges, organizador. -- Cuiabá, MT :
Entrelinhas, 2013.

ISBN 978-85-7992-004-2

1. Crônicas brasileiras 2. Silva, Octayde Jorge
da I. Borges, Fernando Tadeu de Miranda.

13-04116

CDD-869.93

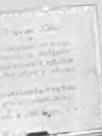
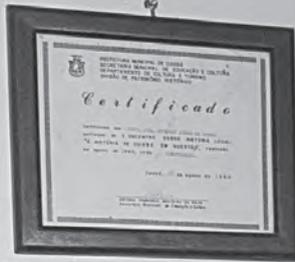
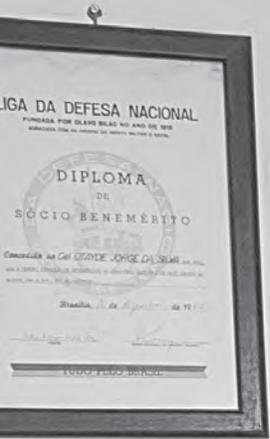
Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira 869.93



Av. Senador Metello, 3.773, Jardim Cuiabá • CEP 78.030-005 – Cuiabá-MT
Telefax: (65) 3624 5294 • e-mail: editora@entrelinhaseditora.com.br
www.entrelinhaseditora.com.br

Não é errando que se aprende.
É aprendendo que não se erra.
Cel. Octayde Jorge da Silva



Vou falar de saudade

Hoje é um dia em que escrevo para falar de saudade. Não a saudade triste, sentida, chorosa, dolorida; não a saudade amargurada, arrependida ou depressiva. Hoje eu escrevo para falar de saudade, mas a saudade alegre, risonha, compreensiva. A saudade corajosa, gostosa. A saudade da vida vivida.

Hoje quero falar da saudade do Cel. Octayde Jorge da Silva. A saudade de quem alfabetizou crianças e adolescentes. A saudade de quem aconselhou intelectuais, magistrados, e disciplinou homens e soldados. A saudade de quem acreditou na formação, na educação, na retidão dos valores éticos. A saudade de quem se entregou às causas com fé, a fé do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. A saudade de quem explicou que as grandes transformações não estão em grandes ações, mas sim em conseguir dizer *sim* e *não* quando à frente com problemas de qualquer natureza e intensidade.

A saudade do escritor comprometido com a história regional, a saudade do cronista preocupado em deixar para novas gerações relatos de fatos, crônicas que no futuro poderão servir como contribuição a pesquisadores e historiadores interessados numa época.

A saudade do militar rígido, austero, justo e patriota. A saudade do professor cujo principal ensinamento era ensinar e ensinar. Enfim, a saudade do esposo e pai, dedicado, mas principalmente amado.

E por isso, e por tudo isso, que quero estar feliz hoje com a minha família, e para que essa saudade fique mais completa é que convidamos vocês, amigos do nosso pai, para celebrar com essas crônicas o grande feito deste homem. “O amor por minha mãe Lília Cuiabano Lino da Silva, filhos, genros, nora, netos e por esta terra, Cuiabá.” SAUDADE.

Edson Luís Lino Jorge da Silva

Homenagens dos amigos 15

Prólogo 29

Imagens de Cuiabá 35

Crônicas de 1983

- Uma cidade sem Crônica 69
- Parabéns para você 71
- Plunct Plact Zum 73
- Um mundo de fantasmas 75
- E quem não gostava dela? 79
- As duas praças 80
- Árvores de Natal 83
- Aos mestres, o passado 85
- A paz e os finados 88
- As conceituações e os perigos da História 90
- Os quintais de antigamente 93
- Que vivam sempre os espantalhos 96
- A volta da velha senhora 99
- Com chuvas, as rifas não funcionavam 100
- O oito de dezembro 103
- Uma rua chamada de Baixo 105

Crônicas de 1984

- Uma “Wall Street” cabocla 111
- Saudades de um Carnaval que passou 114
- O mesmo caminho para os dois? 115
- Carnaval de uma rua só 119
- As cousas que o menino viu 121
- Silêncio de dor em noite escura 124
- Por que os sinos dobram!... 127
- Nós, ontem e hoje 129
- Seria certo personificar o Folclore? 132
- O retrato 134
- Sentimento é muito mais que crença 137
- Zamboadas nos nossos caminhos 138
- Quem viver verá!... 140
- Um passeio pelo passado 142
- Teria sido na sexta-feira!... 146
- Foi assim, tempos atrás!... 148
- À guisa de prefácio 152
- A prainha veio buscá-lo!... 156
- Não é autor que se cite!... 157

A morte do ajantarado	160
Sabe com quem está falando?	163
Um patrimônio dos cuiabanos	164
A técnica de alguns técnicos	166
Bobó Lelé	169
A Ferro Carril	173
Valores em mudança	176
A Capelinha	180
Seria também um modelo sociológico?	182

Crônicas de 1985

Obrigado, por poder felicitá-lo!	187
Tem manga?... Quero uma de cem réis!	190
Os camelôs de outrora	193
Viva o Zé Pereira, viva o Carnaval!...	196
Surpresas e lembranças de outros carnavais!...	200
Memória, palavra da moda!	202
Um novo tempo, também...	204
É ocê, Fiote?	205
Sem datas e sem destino	207
A estória do Ontem e do Hoje	210
A Cuiabá que queremos	213
TENTATIVA DE DIÁLOGO Numa primeira entrevista...	215
Monólogo a dois	219
O castigo de ser feio	223
O Vento e o Tempo	224
Que horas são?!...	228
E quem, hoje, faria!...	230

Crônicas de 1986

Síndrome de mudança	237
As bonitas lembranças do Sr. Gentil!...	238
A preguiça do tempo	240
Tempos idos. Tempos vividos	242
Um primeiro perfil	245
Involução	246
Finalmente, o segundo perfil...	249
Estamos perdendo o destino	253
Ao passado, com ternura	255
As gentes como as farmácias	258

Crônicas de 1987

Especula é companheira de pergunta	265
Astrólogos e adivinhos	267
Especula é companheira de pergunta (II)	270
Manhãs de Sol	272
A fraternidade das ruas	274
“Corruíra... cólera... três-pote”: é proibido matar passarinho!	276
O tempo não apaga	278
Voltado para o social	281
A ferrovia (I)	284
Cuiabá, sem presente de aniversário	288
O polêmico Augusto Mário	291
Cuiabá, fruto da loucura pelo ouro?	294
A síncope da madrinha	298
Elogio e sugestão	301
No mínimo, pitoresco!	303
Crônica confusa, mas oportuna!	305

Que drama seria esse?! 308
A ferrovia (II) 310
Adjetivo... a salvação nacional!... 313
Os tempos são outros 315
Os varões de Plutarco 317
Iluminismo às escuras!... 319
Descanse em paz, que é tempo de tristeza 322
Por que ter medo de agosto? 324
Mudanças 327
Vendedores de ilusões 328
Comportamento e ação 330
Alencastro, hoje! Por quê? 332
Paus-rodados 335
Crônica imotivada 337
Um salto no tempo 339
Memória no Legislativo 341
Causas estranhas 343
Triste fim de Derfa Coesma 345
Saudade em dose dupla 347
O golpe no Baú 349
Presépios sem pitombas 351
Uma curiosa mensagem de Ano-Novo 353
Natal ou informática?... 355
As filhas anunciaram o Natal 357

Crônicas de 1988

Vale a pena ler de novo 363
Mudanças e sugestões 365
Utilidade, inspiração, história e arte 367
Terrenos! Bens móveis? 369

Cousas de outrora 371
“Cuyabá”... quando e por quê? 373
Lições do passado 376
Ao negro, sem astúcia 378
O presente como os relógios 381
Fogueiras de junho... apagadas! 382
Estórias que se repetem... 384
A Igreja, a Praça e o grotesco (I) 387
A Igreja, a Praça e o grotesco (II) 389
Estaca zero 391
A criatividade e a imaginação brasileiras 394
Fazendo o fácil... difícil! 396
Confirmam conosco 399
Muda ou não muda “Os finados” 401
Uma estranha no Areão 403
O sequestro... ou uma mensagem
de Ano-Novo? 406

Crônicas de 1989

Banzé de cuia 411
Cuiabá: era uma vez, um pinto pedrês 413
A vendedora de redes 416
A função social da quirera 418
Felizmente... o bom senso! 421
Aonde nos levará a imprudência?... 423
Prêmio Nobel de rasteira 424
A verdadeira Maria Taquara 426
O Morro da Luz 428
Mudar!... Por quê? 429
A festa 430



Homenagens dos amigos

Tive a felicidade e o privilégio de pertencer ao rol de amigos e me privar da convivência diária com o mestre e cronista Octayde. Como educador foi excepcional, e como cronista, simplesmente insuperável.

Adélia Maria Badre Mendonça de Deus



Coronel Octayde... como militar – cidadão padrão, como mestre – competente e disciplinado, como escritor – talento indescritível, como cidadão – um grande ser humano.

Adelino Praeiro



Tive a satisfação de conhecer o Octayde no esplendor da sua juventude. Desde então passei a admirá-lo pelas suas excelsas qualidades. No decorrer de tão breve existência, manteve sempre os mesmos princípios de dignidade hauridos no lar paterno. Seus pais, senhor Octário Cassiano da Silva e dona Alayde Jorge da Silva, souberam constituir e oferecer à sociedade cuiabana uma prole querida e respeitada. Dona Alayde, sempre alegre e educada, desempenhou com amor e responsabilidade sua missão de esposa e mãe. O senhor Octário exerceu diversas funções públicas com probidade e dedicação, tendo galgado, merecidamente, o elevado cargo de Delegado do Imposto de Renda. Participou, benemeritamente, por muito tempo, dos trabalhos da Diretoria da nossa vetusta Santa Casa de Misericórdia de Cuiabá. Foi, sem dúvida alguma, no exemplo de vida desse nobre casal que o Cel. Octayde plasmou

a sua personalidade. Na carreira militar deixou marcas indeléveis de patriotismo. Na área da educação impôs-se pela sua acrisolada cultura, devoção e reconhecida competência pedagógica. Exercia a autoridade com respeito e brandura. Lhaneza e energia foram atributos que marcaram a sua conduta como militar, educador e condutor da juventude escolar.

Inteligente e perspicaz gravava de imediato os nomes dos alunos da Escola Técnica Federal que, sabiamente, dirigiu e a engrandeceu. Registrou uma página áurea na história desse tradicional e modelar educandário. A sua voz sonora e compassada completava a característica de sua respeitável personalidade. Cel. Octayde era membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Matogrossense de Letras, na qual ocupou e ilustrou a cadeira nº 9, que tinha como Patrono o aureolado, e primeiro bispo de Cuiabá, Dom José Antônio dos Reis. Sucedeu ao consagrado jornalista e escritor Rubens de Mendonça. Com o falecimento do Cel. Octayde, a cadeira nº 9 foi ocupada pelo ilustre magistrado e proficiente professor Leopoldino Marques do Amaral.

Entre os luminares do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, o Cel. Octayde foi eleito seu orador oficial, numa demonstração de respeito à sua cultura e elegante eloquência. Os anais do Instituto Histórico e da Academia de Letras registram preciosas produções literárias de sua lavra. Admirador apaixonado do imortal Arcebispo Dom Aquino Corrêa, escreveu o artigo “Tentativa de Diálogo, numa Primeira Entrevista”, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, ano de 1986. Considero primoroso esse trabalho pela imaginação beltrista do Cel. Octayde. Uma das suas produções literárias, intimamente ligada ao ensino, intitula-se “Um Estudo de História de Mato Grosso”. Tal o seu valor e objetividade que a Secretaria Estadual de Educação e Cultura houve por bem editá-la e recomendá-la ao ensino das escolas do 1º e 2º graus da rede pública de ensino. Esse trabalho tem servido, também, de consulta aos candidatos a vários concursos e aos pesquisadores da nossa história. Escolhido merecidamente, certa feita, para exercer as funções de Secretário daquela importante pasta, declinou do honroso convite, numa prova de real desprendimento.

Com elevado espírito de conformação e determinismo a senhora Lilia Cuiabano Lino da Silva assumiu as árduas tarefas da viuvez. Unidos souberam educar os seus filhos, os quais emolduram a nossa comunidade. Também dona Lilia proveio de um lar bem-constituído. Seu pai, senhor Manoel Ramos Lino, pertencia à nobre classe contábil, da qual, assim como eu – seu colega –, orgulhava-se. Inteligente e capaz exerceu várias funções públicas. Sua mãe, professora Elza Cuiabano Lino, dignificou no mister do magistério a sempre lembrada “Escola Normal Pedro Celestino”.

Intransigente na defesa dos seus ideais e princípios éticos, o Cel. Octayde Jorge da Silva honrou e enalteceu os seus coestaduanos. Cuiabá, 23 de abril de 2006.

Aecim Tocantins



Octayde na vida foi, **como filho**: atento, carinhoso, obediente; **colega**: estudioso, generoso, brilhante; **militar**: disciplinado, eficiente, justo; **professor**: competente, enérgico, respeitado; **amigo**: fiel, honesto, verdadeiro. Deixou muitas saudades e a nossa grande admiração.

Antonietta Ries Coelho



HOMEM DE CONHECIMENTO

Quem pouco conhece está a repetir frequentemente. Afirma Sêneca: "a natureza deu-nos as sementes do conhecimento e não o próprio conhecimento". Tive a felicidade de conviver com Octayde Jorge da Silva. Era o modelo de altas ideias humanas e cultura elevada, dotado da virtuosa inquietude de buscar o saber constantemente. Militar e educador. Atingiu a patente de oficial superior do Exército Brasileiro, onde assentava a disciplina não no temor, mas no sentimento do dever – disciplinado e disciplinador –, conquistava colegas, superiores e subordinados pelo exemplo. Afirmava sempre que o dever vale mais que o heroísmo, lembrando Coelho Neto: "sem disciplina não pode haver equilíbrio". Na caserna, vi-o, frequentemente, ser o primeiro a chegar, como comandante da Companhia de Petrecho Pesado, no tempo dos mares, que carregavam as metralhadoras. Uniforme impecável, ministrava a ordem unida e a maneabilidade. Conquistou muitos jovens, preparando-os para a Academia Militar das Agulhas Negras, tanto como instrutor de assuntos militares como professor de matemática – geometria e língua portuguesa.

Após cumprir o tempo do serviço ativo, na reserva entregou-se logo ao magistério na antiga Escola Técnica Federal, onde foi diretor de ensino. Época de ouro quando, pessoalmente, visitava diariamente as salas dos alunos. Na ausência de um professor, o horário era preenchido por suas aulas de matemática, ou de português, ou de história. Era-lhe fácil. Inexistia aula vaga. Fazia-o sem alarde e prazerosamente, sem qualquer vantagem pecuniária – exercitava a solicitude. Como membro do Conselho Estadual de Educação demonstrou competência nos assuntos escolares, com zelo pela educação. Estudava sempre. Sábio e perspicaz, estava atento às miudezas da linguagem. Certo dia pontuou: "o pessoal do *de repente* vai votar contra" – os modismos do cotidiano, como: *com certeza*, *coisa* ou *enfim*, na boca dos rotineiros. Palestrante na Universidade Federal, em Cuiabá, dispunha-se a debater assuntos da moral e do civismo: "civismo não se estuda, pratica-se". Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, compunha grupos de trabalho como pes-

quisador, deixando lacuna na assídua presença. Além de realizar pesquisas históricas era cronista, tendo produzido inúmeras páginas do cotidiano de Cuiabá, como projetar figuras humanas simples do povo. Cultivava a arte como pianista, tendo sido aluno da inesquecível musicista Zulmira de Andrade Canavarros – a egéria cuiabana. Estimulava jovens na pintura e colecionava quadros. Dá-me momento gratificante lembrar-me de tão ilustre mato-grossense, que nos deixou muito cedo. Balzac acentua: "os homens são como os livros, muitas vezes apreciados tarde em demasia".

Ele é paradigma.

Benedito Pedro Dorileo

Professor fundador da UFMT, tendo sido seu primeiro vice-reitor e o segundo reitor



Eu e o Octayde, ao tempo da nossa infância, morávamos na mesma rua, Pedro Celestino, em Cuiabá, em casas não muito distantes uma da outra. Eu era vários anos mais velho do que ele, e isso deve ter provocado o fato de não termos pertencido ao mesmo grupo de amigos. Por outro lado, a educação que recebíamos não permitia que andássemos soltos, brincando nas ruas. Também não fizemos o curso primário na mesma época e nem fomos contemporâneos na nossa passagem pelo Liceu Cuiabano. Penso que essas razões justificam o fato de não guardar do Octayde qualquer lembrança dessa época. Já por várias vezes pensei sobre isso, buscando na minha memória qualquer lembrança relacionada com ele, mas em vão têm sido as minhas tentativas. Na verdade, posso dizer que vim a conhecê-lo quando, em 1954, voltei a Cuiabá, já no posto de Major do Exército, para servir no 16º BC. Aí o encontrei no quadro de oficiais em serviço do batalhão. No cerimonial da minha apresentação, tive logo a atenção voltada para a sua correta atitude militar, pelo seu fardamento impecável e pela sua maneira penetrante de olhar as pessoas, como que procurando, pelo menor detalhe observado, chegar até o âmago das suas almas. O comandante havia tomado algumas atitudes com as quais os demais oficiais não concordavam, resultando daí um certo afastamento entre ele e os seus oficiais subordinados. O Octayde, sempre conservando as severas linhas da disciplina militar, era, por suas próprias características, um líder, e ao seu redor os demais oficiais se reuniram para os comentários a respeito de tudo o que se passava na vida da unidade. A sua liderança vinha das suas próprias qualidades. Era uma liderança voltada para o trabalho, para a disciplina e para o cumprimento correto das missões atribuídas ao batalhão. Já o conheci como possuidor de uma maneira fácil, brilhante e clara de escrever e de falar, contagiando a todos os que liam e ouviam o que continha em suas palavras brilhantes. Era, quase sempre, o oficial encarregado da redação dos

boletins com que o batalhão comemorava as datas festivas e prestava a homenagem devida aos heróis brasileiros já falecidos. Com um trabalho cuidadoso, conseguia fazer do comandante e dos oficiais um só todo, do que resultou um ambiente mais tranquilo, uma maior cooperação e uma convivência mais saudável entre os oficiais da unidade. Com o passar do tempo, surgiu entre eu e o Octayde uma amizade muito grande, uma total comunhão de ideias, resultando daí que, quando fui promovido e nomeado comandante da unidade, encontrei nele um colaborador amigo, sincero e eficiente. Octayde foi um amigo cuja lembrança me faz sentir orgulho de tê-la sido merecedor, dadas as muitas qualidades profissionais e morais que possuía. Acompanhei com o coração temeroso o problema cardíaco que o acometeu e, por experiência própria, sabia que a solução seria cirúrgica, pelo que podia avaliar o momento difícil que estava vivendo. Fui recebê-lo no aeroporto quando, de volta de São Paulo, passou por Brasília, rumo a Cuiabá. Havia decidido adiar a cirurgia que lhe fora prescrita, alegando a necessidade de solucionar alguns problemas que tinha pendentes. No mesmo dia, à noite, voltei a me encontrar com ele na casa do seu irmão, também militar, e que servia em Brasília. Foi a última vez em que estivemos juntos. A morte andou mais depressa do que ele e o apanhou em casa, junto aos seus, talvez como ele assim o desejasse. Morto o homem, ficaram as lembranças, as saudades e a admiração de todos quanto com ele conviveram e tiveram o privilégio de conhecer as suas excelentes qualidades morais e o brilho da sua inteligência. Suas palavras eloquentes e sinceras, ora amigas, ora baseadas em fatos históricos, estavam sempre tomadas de um calor contagiante e de um realismo forte com que ele sabia colorir tudo o que falava ou o que escrevia. Hoje, quando me lembro do Octayde, o que frequentemente acontece nos meus momentos de reflexão e saudade, avalio a felicidade e o prazer que me foi dado pela convivência que tive com ele, pela amizade que nos uniu e pelos momentos alegres que juntos vivemos, quer durante o serviço, no belo quartel do 16º BC, quer nos momentos vividos em nossas casas, ao lado dos nossos familiares.

Cel. Caraciolo



Privilégio. Assim classifico a oportunidade que tive de trabalhar com o Coronel Octayde. Conheci-o à larga. Homem de qualidades invejáveis; substantivo de múltiplos adjetivos. Amou tudo que fez, e o fez com exatidão e denodada competência. Probo por excelência. Enfim, foi um virtuoso, e de suas virtudes destaco a justiça. Valeu-se dela com serenidade e absoluta convicção da sua oportunidade e correção. Amigo de todas as horas e eloquente conselheiro. Fez pela coisa pública sem jamais perguntar ou esperar o que ela poderia fazer por ele. Educador de

nomeada. Não tenho receios de inferir que forjou o caráter e a personalidade de muitos de seus pares e discípulos. Muito aprendi com o Coronel Octayde. Foi um exemplo, coisa rara na atualidade.

Cyriaco Fortunato



O CRONISTA

O cronista é, sobretudo, um sociólogo. Ao relatar fatos, fá-lo sob a crítica de cada momento da sociedade. E nisso Octayde era um mestre. Nas suas crônicas, o Coronel Octayde deixava sempre transparecer a alma cuiabana.

Eloy Toledo



Lembro-me muito bem daquela fase da infância, quando lá na Rua Cel. Pedro Celestino (Rua de Cima), na residência simples e respeitada do casal Sr. Octário Casiano da Silva e D. Alayde Jorge da Silva, os seus filhos, meus contemporâneos, em área de sua casa, criavam e exibiam singelas peças de teatro. Cuiabá de então, cidade pequena e isolada dos grandes centros, tinha, no entanto, uma população alegre que bem cultivava a arte literária e musical. Passados os anos, e Octayde segue rumo diferente ao meu. A Academia Militar foi sua opção, e com denodo cumpriu a sua carreira nas fileiras do Exército Brasileiro. Ao se reformar no posto de Coronel do Exército, passou imediatamente ao exercício do magistério, levando aos jovens educandos seus conhecimentos, acrescidos, então, pela disciplina militar, fatores que o destacaram no exercício de professor e de diretor da Escola Técnica Federal de Mato Grosso, onde também eu lecionei por vários anos. Octayde não deixava vago um período de aula devido à ausência do professor titular. Lá estava ele, aproveitando mais uma oportunidade para transmitir seus conhecimentos, principalmente de história, de geografia e de língua portuguesa, e lá esteve ele por 15 anos ininterruptos.

É de sua autoria o opúsculo “Um Estudo Sobre a História de Mato Grosso”, publicado em 1982, com apoio da Secretaria de Educação e Cultura do Estado, obra que deveria ser reeditada e adotada nas escolas públicas de Mato Grosso. Do saudoso amigo Octayde Jorge da Silva guardo com gratidão a dedicatória com que me honrou em seu livro, nos seguintes termos: “Ao Frederico, governador de segura, eficiente e realizadora administração, para que, com D. Yone, nossa ilustre amiga, veja o quanto contribuiu para a grandeza do nosso Estado. Com respeito e afeição,

o amigo OJS – Junho de 1983 – Cuiabá”. Era assim a nossa amizade, sem artifícios e hipocrisias, e é assim que em mim guardo a memória de um exemplar amigo. A Cuiabá de hoje, não mais a cidade tão pequena, onde sua gente, muita gente, não chora a memória dos filhos que fizeram a sua história e que daqui já partiram. Octayde, que Deus o abençoe na eternidade.

Frederico Carlos Soares Campos



São poucos os que podem dizer que tiveram um AMIGO DE VERDADE. Para mim, o OCTAYDE foi mais que isso. Foi também o conselheiro, o educador, e um exemplo a seguir.

Geraldo Oliveira e Silva



Eu sou um desses inconformados com a ordem dos fatos, por ter nos tirado tão cedo o Coronel Octayde. Hoje, ele poderia estar aqui, convivendo conosco e ensinando. Sempre ensinando. Era o que mais ele sabia fazer. Professores, eu tive muitos, mas mestre... Só ele. Tenho certeza de que falo em nome de milhares de alunos que marcaram toda uma geração de moços e moças (*como ele gostava de nos chamar*) da Escola Técnica Federal. Para nós ele deixou lições de ética, cidadania, dignidade e, acima de tudo, o senso de justiça, através de seu exemplo irrepreensível. Ele nos amava como um pai, e como pai ele será lembrado por todos nós. Saudades do senhor, Coronel!

Gilberto Luiz Canavarros Nasser



Clara Maria, fiquei sensibilizada com o gesto com que você e sua família me distinguiram. Enquanto falávamos ao telefone, veio-me à mente a imagem do seu pai, Cel. Octayde, conversando em sua residência, orgulhoso da casa, das árvores nativas no extenso quintal, explicando às visitas sobre os doces e biscoitos da terra. Orgulho maior era manifestado ao permitir aos visitantes contemplarem sua galeria com as telas de “Marcelo Velasco” retratando Cuiabá. Lembrei-me da satisfação com que ele falava da “Barão de Melgaço”, dos amigos e vizinhos. Recordei-me ainda do dia a dia dele na “Escola Técnica Federal de Mato Grosso.” Por essas razões, a frase que tenho

a registrar segue em destaque. Para mim, ela sintetiza a imagem viva do Cel. Octayde Jorge da Silva – seu pai – um zeloso da família. “Viveu com orgulho e entusiasmo a terra cuiabana. Fez da educação um compromisso”.

Izes Araguaína Felix



O Coronel Octayde demonstrou muita garra nas coisas que realizou. Foi um exemplo de honestidade. Continua uma grande referência para seus descendentes. Deixou muitos amigos saudosos!

José Cardoso Machado



OCTAYDE personificou a AMIZADE, porque ela é um dom, um tesouro, uma chama que está sempre iluminando a esperança, o amparo, a paz, a tolerância, o prazer, a imparcialidade, a espera, a paciência, a confiança, a liberdade, o desejo, o respeito, a proteção, o perdão, a empatia, a satisfação, a justiça. E jamais omitiu sua capacidade de ouvir, de calar, de ensinar, de aprender, de aconselhar e amar. Tê-lo como cunhado, compadre, líder e amigo foi um presente divino.

Luíza Helena Lino Fontoura



Foi na década de 70, na histórica ETFMT, que tive a honra de conviver com o respeitado Cel. Octayde Jorge da Silva. Homem de enorme estatura moral e intelectual, com o seu timbre de voz grave, encantava a todos com sua vasta bagagem cultural e sua fraternidade por seus eternos discípulos.

Maria Helena G. Póvoas



- 1) Octayde, amigo querido e fiel com quem se aprendia a viver.
- 2) Professor admirável pelo seu saber e pela facilidade em transmitir esse saber àqueles que tiveram a sorte de tê-lo como mestre.
- 3) Chefe de família exemplar, na qual se mesclavam o amor e os ensinamentos de como viver feliz e honradamente.

Nilza Bastos Oliveira e Silva



Para os que pouco o conheciam, um homem reservado.
Para os que o conheciam, exemplo de competência e honestidade.
Para os que foram seus amigos, uma imensa saudade.

Omar Lins Canavarros



UMA HOMENAGEM NO ALTAR DA ETERNIDADE

Nascer, viver e morrer são apenas ciclos materiais da Eternidade espiritual. Na minha memória estão bem vivas as imagens dos acadêmicos Rubens de Mendonça e Octayde Jorge da Silva, vizinhos na Rua Barão de Melgaço, onde moravam quase frente a frente, mantendo uma amizade construída desde os tempos da velha Rua do Campo. O primeiro deles se dedicou à poesia, ao jornalismo e à História, enquanto o segundo optou inicialmente pela vida militar. Além da vizinhança, tinham um ponto em comum: a vida intelectual, cada um a seu modo, mas ambos voltados à preservação de algo que valorizavam muito: a memória cuiabana. E nessa missão foram insuperáveis, com total dedicação à terra natal.

Conheci o primeiro em julho de 1959, durante o Primeiro Congresso Estadual de Estudantes Secundários, em Cuiabá, numa visita à sua residência, como parte da programação. No ano seguinte, ao prestar o serviço militar no 16º Batalhão de Caçadores (hoje 44º Batalhão de Infantaria Motorizada), conheci o jovem capitão Octayde, quando fui designado para trabalhar em seu setor como datilógrafo. Em busca da perfeição, era exigente com ele mesmo e, por isto, aprendi muito. Promovido a cabo, fui logo depois remanejado para outro setor. Concluído o meu serviço militar, o historiador Rubens de Mendonça conseguiu um emprego para mim no jornal “O Estado de Mato Grosso”, que dirigi por quase 25 anos.

Os tempos passaram e o já coronel Octayde se tornava cada vez mais merecedor do reconhecimento que sempre lhe dediquei. Passei, então, a publicar as suas crônicas nas edições dominicais do jornal “O Estado de Mato Grosso”. Conheci, então, o ótimo cronista Octayde Jorge da Silva com textos ricos em conteúdo e de fácil leitura, que transmitiam o pensamento de um cuiabano que exaltava o passado da sua terra natal. Ele se preocupava, também, com o presente e o futuro. Cronista, a sua imaginação percorria avenidas e becos, destacando um povo que aprendeu a viver distante do litoral, mas como pensador pavimentava o destino histórico com renovadas esperanças, ideias, rimando poesia com letras e números.

Nos seus últimos anos de vida, sempre conversava com ele quando o via sentado numa cadeira voltada para a Rua Barão de Melgaço, percorrendo a longa entrada

existente sob as sombras de várias árvores. Em pauta, muitos assuntos, entre eles a nossa Academia Matogrossense de Letras. Sempre fui defensor da sua indicação para a presidência da entidade, pelos seus méritos e por residir bem próximo à “Casa Barão de Melgaço”, a exemplo do que já ocorrera com José de Mesquita. Nunca aceitou a missão, mesmo apoiado por grandes intelectuais como Antônio de Arruda, Lenine Campos Póvoas e Luís Philippe Pereira Leite.

Na inauguração da escola municipal em sua homenagem, levei os originais das crônicas publicadas no jornal “O Estado de Mato Grosso”, por mim guardadas como relíquias, e entreguei-os à família pedindo que publicassem um livro, pois o pensamento do Coronel Octayde Jorge da Silva não pertencia apenas à sua geração. Eram ideias permanentes que engrandecem a eterna memória do homenageado, um cuiabano digno que jamais poderá ser esquecido. Nesse momento de memórias, diante do Altar da Eternidade, reconheço que o tempo transformou a continência do jovem soldado Jucá em respeito, em admiração e em saudade, pois o coronel Octayde Jorge da Silva será sempre um exemplo de disciplina, dignidade e cultura.

Pedro Rocha Jucá



Conheci o Coronel Octayde quando cursei o ginásio na ETFMT, tendo após ingressado na universidade e trabalhado sob a sua chefia por mais de 06 anos, quando aprendi a conhecê-lo e respeitá-lo. Sem sombra de dúvida, uma das pessoas mais importantes que conheci, e que teve influência decisiva na educação e formação de inúmeras gerações que passaram pelos bancos da ETFMT, e que tem a marca indelével dos seus ensinamentos e do seu expressivo exemplo. A ETFMT era a encarnação de sua pessoa, pois não era ela concebida sem o temido e amado Coronel Octayde Jorge da Silva. Era um intelectual preocupado com as questões de sua terra e do seu tempo. Um pai de família irrepreensível, um historiador, um cronista e profundo conhecedor da língua portuguesa. Certa vez li em algum livro, cujo título não recordo, talvez um dos muitos emprestados por ele, que “as pessoas não morrem, elas ficam encantadas”. A sua vida, os seus sentimentos, seu exemplo e a sua lembrança ficarão encantados, a nortear a vida da sua família, dos seus amigos e, sobretudo, dos milhares de jovens que passaram por suas mãos. Que Deus o tenha em sua santa bondade.

Renato Gomes Nery



O Cel. Octayde é uma presença marcante em minha vida. Como aluna da ‘Escola Técnica’ tive o privilégio de conhecer um verdadeiro mestre – educador por excelência, exigente e atencioso –, preocupado com todos os alunos e alunas da Escola para que obtivessem conhecimento aliado a valores morais e de personalidade indispensáveis para a formação de cidadãos. De caráter nobre e com grande disposição para ensinar, o Cel. Octayde me mostrou que não devemos temer o futuro e que precisamos seguir em frente, em busca do conhecimento, dos nossos sonhos e do aperfeiçoamento enquanto seres humanos.

Maria Teresa Carrión Carracedo



Neste momento temos o dever de enaltecer a vida, a sobriedade, a lucidez, a inteligência da intelectualidade, a probidade, a retidão, a integridade, a seriedade e, acima de tudo, a honestidade, virtudes que vicejam nas almas de notável grandeza como a do **Cel. Octayde Jorge da Silva**. Comandante Militar e Diretor Escolar, sempre buscou atuar focado na excelência de suas decisões, traduzindo-se num raro exemplo de liderança seja entre os seus comandados ou de seus alunos, muitos hoje ocupando um lugar na história daqueles que ajudaram a construir este pujante Estado. Pessoalmente, quero externar a minha profunda gratidão aos bons ensinamentos que colhi com os seus exemplos, especialmente quanto à disciplina, aliás ferramenta fundamental que até hoje utilizo para toda missão. Agradeço a Deus esta oportunidade de escrever algumas linhas sobre o Cel. pelo admirável amigo que fiz e, sobretudo, pelo privilégio de desfrutar de sua convivência. Coronel e Professor **Octayde**, o nosso respeito, o nosso apreço, exemplo do passado para o presente e futuro.

Ao exemplar amigo, mestre, pai, avô.

Roberto Nunes



Pedi Clara Maria, filha do saudoso Cel. Octayde, que eu falasse alguma coisa, num livro, onde deverão estar reunidas coisas que falem de seu augusto pai.

Julgo ser eu uma pessoa suspeita para falar sobre Octayde, pois foi ele meu compadre, padrinho do meu saudoso filho Luiz Antônio. Octayde, como Diretor de Ensino da Escola Técnica Federal de Mato Grosso, foi um homem eclético. Quando deixei o 16º BC convidou-me para ministrar aulas de Ciências Físicas e Naturais na Escola, já que, como cirurgião-dentista que era, deveria ter cursado essa disciplina na Faculdade como Biologia Geral. Recordo que quando faltava professor de Matemática, Física ou Português, lá estava o Octayde, para substituir o professor que fal-

tava, não permitindo assim que os alunos ficassem perambulando pelos corredores, perturbando as outras salas que estavam em aula. Servi com ele no antigo 16º BC como Capitão, depois Major, quando foi transferido para o 2º B. Frond em Cáceres. Promovido a Ten. Coronel, retornou ao 16º BC.

Quando da revolução, e o Batalhão seguiu para Brasília, ele ficou comandando o restante do 16º BC, que ficara em Cuiabá. Eu também ficara. Nessa ocasião fui companheiro mais íntimo dele, na vigilância severa no espaço do quartel do 16º BC. Mais tarde tive outra oportunidade de trabalhar com ele. Fizemos o Octayde presidente do Clube Náutico, quando então ele me convidou para ser o Tesoureiro do Clube. Compôs ele uma excelente Diretoria. O Dr. Altair Ramos de Moura (o Tii) como Vice-Presidente; o Dr. Hélio Vieira, como Diretor de Esporte; o Dr. João Bonifácio como Secretário; o Dr. João Timóteo; não recorro de outros companheiros, como Conselheiros.

O Clube Náutico teve uma vida de intensa atividade. Foi construída quadra de futebol de salão, de tênis e uma piscina olímpica. Guardo do Octayde recordações maravilhosas.

Com a robustez de sua cultura, não foi difícil para ele passar no concurso para a Escola de Estado Maior, sediada no Rio de Janeiro, como mais tarde fez seu irmão Felipe. Regressando a Cuiabá, dedicou toda a sua carreira militar ao Estado de Mato Grosso.

No entanto, Octayde não era só militar. Era também educador. Costumava provocar os alunos dizendo “que não era errando que se aprende, e sim é aprendendo que não se erra”. Para ele não existiam respostas fáceis, porque até agora não aprendemos a formular sequer as perguntas.

Octayde foi um dos maiores educadores, no meio de tantos grandes que teve este Estado, mas para mim ele foi um grande amigo.

Estevão Torquato da Silva



SAUDADES

Somos todos a imagem e semelhança de Deus, porém há pessoas especiais.

O Diretor de Ensino da ETFMT, Cel. Octayde Jorge da Silva, nas décadas de 70 e 80, influenciou e muito uma geração inteira de jovens mato-grossenses.

Cel. Octayde nos ensinou Civismo, Cidadania, Patriotismo, Seriedade com os Estudos, Igualdade e, acima de tudo, Respeito.

Parte do sucesso que obtive em minha vida devo ao austero, disciplinador e eficiente Comandante Cel. Octayde.

Wilson Santos



Cel. Octayde Jorge da Silva, com alunas da Escola Técnica Federal, em 1980



Creio que a principal lembrança que todos têm do Coronel Octayde é a do educador ilustre.

Esta imagem está ligada ao seu natural empenho e competência para transmitir a todos a importância do incessante aperfeiçoamento do ser humano.

Tive o privilégio de também conviver com o pai, esposo e avô. Pessoa extremamente voltada à família e aos amigos, deixou em todos nós o exemplo de como é importante saber conduzir a vida com dedicação e amor em todos os momentos.

José Afonso Portocarrero

Cel. Octayde Jorge da Silva (ao centro), com professores e alunos





Prólogo

Conhecia o mundo sem precisar sair de casa. Preferia os livros de história, filosofia, literatura e política. Cultivava pela capital de Mato Grosso um grande amor. Nas crônicas louvava sempre a Cuiabá dos tempos idos e vividos. Tinha uma memória que chegava a impressionar, expressa na sensibilidade do dia a dia. Os juízos de valores registrados na escrita realizada deram lugar à busca incessante pela manutenção da tradição, talvez como forma de luta com vistas à preservação da identidade cuiabana. Tocava piano, gostava de carnaval e da vida. Esquecimento sempre lhe pareceu algo pecaminoso, pois, como pude constatar, guardava as datas, os acontecimentos, as paisagens e os sons. Coronel Octayde Jorge da Silva assistiu, da sua rede e cadeira de balanço – camarotes cuiabanos – aos acontecimentos mundiais da época em que viveu. Ao cultivar a memória, abordou o tempo na história de forma fracionada, e ampliada.

Mentor intelectual da minha geração, Coronel Octayde Jorge da Silva, quando chefe de ensino, vice-diretor e diretor (interino) da Escola Técnica Federal de Mato Grosso, realizou um marcante trabalho pela educação no território mato-grossense. Acreditava na construção de um país melhor, mais humano, solidário e cidadão. Admirava pessoas esforçadas e possuidoras de algum ideal de conquista, e creio que por isso ajudava a quem o procurava, sem medir esforços para que os sonhos sonhados pudessem um dia vir a serem concretizados. Formou uma rede de pessoas conectadas com o mundo, muito antes da rede do computador. Foi um grande cuiabano e excelente pai de família no sentido estrito dos termos. Além de filho atencioso, cuidava da mãe com carinho, e de marido dedicado, zelou dos quatro filhos e dos netos com dedicação.

Coronel Octayde Jorge da Silva escrevia crônicas para os jornais “O Estado de Mato Grosso” e “Diário de Cuiabá”, e no papel de animador cultural da cidade e do Estado abordou temas palpitantes referentes ao passado, às transformações vividas, ao progresso e ao cotidiano cidadão. No Jornal “Diário de Cuiabá” participou do saudoso “Cantinho Cuiabano”. Aos domingos tínhamos um compromisso: ler as crônicas do Coronel Octayde Jorge da Silva. Após as leituras sempre o gosto de quero um pouquinho mais, e em seguida vinha a segunda-feira com todas as feiras restantes, para depois descansar num outro próximo domingo, quando uma nova crônica brindava-nos com um novo término da semana.

A minha convivência com o Coronel Octayde Jorge da Silva começou nos idos dos anos 70 na Escola Técnica Federal de Mato Grosso (ETFMT), quando nesse colégio ingressei para fazer o Ginásio Industrial, tendo aprendido o ofício de sapateiro, de tipógrafo e de ceramista no curso de Artes Industriais. Era interessante a proximidade estabelecida entre trabalho intelectual e trabalho manual na ETFMT. Talvez por isso valorize todo tipo de trabalho, e tenha disposição para enfrentar os mais variados desafios.

Como amigo da família tive o prazer de desfrutar da vida privada de Coronel Octayde Jorge da Silva. Gostava de dormir em rede, acordava cedo, tomava guaraná de ralar, comia de tudo, fazia exercícios físicos, nadava, molhava plantas, cuidava do cachorro, lavava o carro, lia jornal, ajudava a lavar a louça do almoço e do jantar, nas ocasiões necessárias, e participava, ainda que de longe, dos campeonatos de pingue-pongue, de vôlei, de basquete, e, de perto, das orientações escolares, das festas de São João, dos aniversários e da feitura de um lindo e original presépio com pitombas, na sala da biblioteca, próximo do piano.

O presépio, hoje, na minha concepção, era a forma que o Coronel Octayde Jorge da Silva encontrou de manter vivo, a partir do cristianismo, nas pessoas, o cultivo da família. Em Cuiabá, acreditava-se que quem fizesse num ano presépio, deveria manter a tradição por toda a vida. Percorrer os presépios era considerado o evento do mês de dezembro. Presépios do Porto e Presépios da “Cidade” (Centro).

Cuiabá tem algo de lugar eterno, que não pode desaparecer, sob pena de perder o encanto dos sentidos, aparentemente sem sentidos. Uma cidade realmente encantada? Uma cidade realmente encantada que desencantou, mas que ainda encanta apesar do desencanto. Logo, um desencanto encantado em meio a mitos e lendas.

Coronel Octayde Jorge da Silva acreditava no liberalismo econômico do *laissez-faire, laissez-passer*, pregado por aquele que foi considerado o criador do Estudo da Economia, Adam Smith, autor do livro “Riqueza das Nações”, publicado em 1776, e talvez por isso estimulasse tanto a competição, premiando os estudantes que conseguissem o melhor coeficiente durante o ano letivo, com medalhas, prêmios etc. As condecorações eram entregues no Dia das Mães, em evento festivo, com escola e comunidade reunidas para aplaudir os agraciados.